

## Os médicos, a Ordem e a Medicina de hoje

### Um cenário pós-eleitoral

A evolução da actividade médica nas últimas três décadas tem provocado uma distorção penosa do sentido da prática assistencial. A imposição silenciosa e progressiva de uma Medicina de interesses económicos e de lucro (*business model of medicine*) ameaça perigosamente o modelo técnico, humano e eticamente mais desejável e rigoroso. Refiro-me à Medicina centrada no doente (*person centered perspective*), sob cujos princípios têm sido formadas sucessivas gerações de médicos. Não se trata de desprezar ou ignorar a necessidade de adequar economicamente os actos clínicos e ponderar as suas consequências, mas antes de recuperar o gosto pela entrevista clínica humanizadora e inteligente, pelo exame físico correcto e esclarecedor, pelo diagnóstico enquanto exercício intelectual produtivo, pelo acto terapêutico eficaz e reabilitador. É fundamental que o doente e seus padecimentos não sejam reduzidos à condição inferior de um somatório árido e inconsequente de registos de ocorrências e de resultados de exames complementares de diagnóstico progressivamente mais sofisticados. É prioritária a utilização de terapêuticas cuja eficácia tenha sido comprovada por estudos clínicos sérios, desnudados de distorções metodológicas cujas intenções são, no mínimo, suspeitas. A consulta cautelosa dos últimos estudos terapêuticos controlados sobre o interferão alfa na hepatite C, ou de esclarecedoras meta-análises sobre o interesse da lavagem peritoneal na pancreatite aguda necrótico-hemorrágica, deve ser temperada pela leitura de peças de eloquente estilo clínico-literário realista como são os registos de Henri Mondor sobre o abdómen agudo, os escritos de Sheila Sherlock sobre patologia hepatobiliar, as descrições de Graham Hughes sobre conectivites mistas ou as impressões colhidas por Allen Barbour sobre as reacções somatoformes e psicofisiológicas como causas de sintomas.

É essencial que os clínicos, os cirurgiões, os especialistas da imagem e do laboratório, bem como os anatomistas, os fisiologistas, os geneticistas e os farmacologistas, entre muitos outros, se oponham de maneira frontal e enérgica a qualquer modelo massificador, desintelectualizado e cruel



que tenda a transformar a Medicina numa actividade controlada de modo exclusivo por objectivos de natureza económico-financeira, prioritariamente sujeita ao crescimento do lucro e à contenção da despesa.

Esta atitude regeneradora cabe-nos, tanto a título individual como colectivo, aqui, através da Ordem, sucessora da que seria hoje a centenária Associação dos Médicos Portugueses (criada em 1898 e extinta em 1938). Neste âmbito, cabem à Ordem e aos dirigentes recentemente eleitos responsabilidades na federação desta verdadeira cruzada contra poderosos interesses infieis aos nossos princípios e à nossa independência enquanto profissionais liberais.

Sublinhe-se a extrema importância e o melindre da função daquele que é o mais alto dignatário da Ordem e seu representante perante a sociedade e o Estado — o Bastonário. A uma personalidade que obrigatoriamente deverá ser quase paradigmática nos domínios pessoal, humano, técnico, moral e cultural, e em quem todos os médicos projectam a sua imagem pessoal, no mérito e na fraqueza, exige-se a salvaguarda da honra e do nome da classe, e a integridade na formação e no exercício, protegendo-a das ambições de grupos de cariz político, sindical ou económico, mais ou menos identificáveis. Ao Bastonário, actualmente prisioneiro de princípios estatutários inadequados — que o tornam uma figura essencialmente decorativa, perdida em tarefas de representação frequen-

temente desinteressantes — é negada uma efectiva função de coordenação executiva, função essencial para que a Ordem se assuma como a voz dos médicos e a advogada dos doentes.

O Presidente e os membros dos órgãos da Ordem dos Médicos agora eleitos antevêem uma tarefa árdua, até porque têm plena consciência da expectativa reinante de harmonia orgânica e funcional que permita viabilizar (e materializar) atitudes recuperadoras da imagem positiva da profissão, nomeadamente como realidade inteligente, serena de devoção e com capacidade para comunicar e reflectir.

Afinal, o que parece novo mais não é do que uma chamada de atenção para o conselho de Hi-

pócrates que, de uma vez por todas, deveria ser tomado à letra e seguido: “O médico deve ter autoridade. Ele terá boa cor e boa disposição de acordo com a sua natureza ... Os seus hábitos serão honrados e irrepreensíveis e, deste modo, ele será grave, humano e justo: porque o entusiasmo precipitado provoca desprezo, embora possa ser muito útil”!



*João Sá*